

**FILOSOFIA E
EDUCAÇÃO**
INTERATIVIDADE,
SINGULARIDADE E
MUNDO COMUM

Editora Executiva

Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Uniplac/Unicamp

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof. Dra. Aníta Helena Schlesener – UFPR/UTP

Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas

Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof. Dr. César Tello – Universidad Nacional de Tres de Febrero

Profa. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata



Amarildo Luiz Trevisan
Noeli Dutra Rossatto
(organizadores)

**FILOSOFIA E
EDUCAÇÃO**
INTERATIVIDADE,
SINGULARIDADE E
MUNDO COMUM



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Filosofia e educação : interatividade, singularidade e mundo comum / Amarildo Luiz Trevisan, Noeli Dutra Rossatto, (organizadores). – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-264-5

1. Educação - Filosofia 2. Interatividade 3. Professores – Formação 4. Singularidades (Filosofia) I. Trevisan, Amarildo Luiz. II. Rossatto, Noeli Dutra. III. Série.

13-08551

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Filosofia 370.1 2. Filosofia e educação 370.1

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

revisão: Cristiane Ludwig

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

setembro/2013

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.	9
<i>Amarildo Luiz Trevisan e Noeli Dutra Rossatto</i>	
Capítulo 1	
INTERATIVIDADE, SINGULARIDADE E MUNDO COMUM: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA ERA DA REVOLUÇÃO MICROELETRÔNICA	25
<i>Antônio Álvaro Soares Zuin</i>	
Capítulo 2	
EDUCAÇÃO INTERATIVA OU EXTENSIONISTA NO UNIVERSO VIRTUAL?	45
<i>Amarildo Luiz Trevisan</i>	
Capítulo 3	
DO SENSÍVEL AO SOCIAL: RECRIAÇÃO ÉTICA DO MUNDO DA VIDA.	59
<i>Marcelo Fabri</i>	
Capítulo 4	
MUNDO COMUM E FORMAÇÃO CRÍTICA EM PERSPECTIVA PÓS-METAFÍSICA	75
<i>José Pedro Bouffleur</i>	

Capítulo 5	
SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE	
EM HABERMAS: INDIVIDUAÇÃO,	
NORMATIVIDADE E EMANCIPAÇÃO	97
<i>Eldon Henrique Mühl</i>	

Capítulo 6	
FORMACIÓN CRÍTICA, INTERACTIVIDAD	
Y TEORÍA DE LA EDUCACIÓN.	115
<i>Margarita Sgró</i>	

Capítulo 7	
LOS AVATARES DE UN MUNDO	
COMÚN Y SUS TENSIONES.	129
<i>Olga Grau Duhart</i>	

Capítulo 8	
SINGULARIDADE, NARRATIVIDADE E MUNDO	
COMUM: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA	147
<i>Noeli Dutra Rossatto</i>	

Capítulo 9	
TODOS LOS MUNDOS, UN MUNDO.	
SOBRE IDENTIDAD E IGUALDAD	169
<i>Alejandro Cerletti</i>	

Capítulo 10	
EDUCAÇÃO, CRIAÇÃO E PLURALIDADE DE MUNDOS:	
AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO APRENDER.	181
<i>Sílvio Gallo</i>	

Capítulo 11	
TRABALHO, FELICIDADE E CONSUMISMO	
NA TENSA RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO/SOCIEDADE.	197
<i>Altair Alberto Fávero</i>	

Capítulo 12	
SINGULARIDAD ENTRE EL MUNDO Y EL ESPACIO PÚBLICO:	
PARADOJAS Y TAREAS DE LA EDUCACIÓN	215
<i>Antonio Gómez Ramos</i>	

Capítulo 13	
INDIVÍDUO E COMUNIDADE MORAL	233
<i>Jair Antônio Krassuski</i>	
Capítulo 14	
FORMAÇÃO DA SOCIALIDADE EM	
TEMPOS PÓS-CRÍTICOS	255
<i>Pedro Cöergen</i>	
Capítulo 15	
DOCÊNCIA, CINEMA E OS EXERCÍCIOS	
AUTOBIOGRÁFICOS E COLETIVOS A	
UMA INTERATIVIDADE PRETENDIDA	283
<i>Valeska Fortes de Oliveira, Luís Carlos Valério, Marilene Farenzena,</i>	
<i>Vânia Fortes de Oliveira, Vanessa Vasconcelos e Monique da Silva</i>	
SOBRE OS AUTORES	303

APRESENTAÇÃO

O livro *Filosofia e Educação: interatividade, singularidade e mundo comum* visa aprofundar o debate sobre os desafios da formação no contemporâneo, principalmente na relação entre teoria e práxis, marcado pela influência da interatividade em todos os setores da vida. A ideia é trabalhar com aportes hermenêuticos e críticos para discutir a possibilidade de restabelecer, na perspectiva do reconhecimento do mundo comum, um elo com a interatividade, mas sem suplantar as diversidades ou singularidades. Nesse sentido, faz-se necessário examinar de que forma a Filosofia e a Educação têm pensado essa problemática e quais alternativas elas oferecem, não apenas para a compreensão das implicações dessa mudança, mas também para responder às exigências de uma época que demanda repensar as prerrogativas e as configurações dispostas pelas redes de interatividade e comunicação social.

Tendências apontam para novas dinâmicas nos veículos midiáticos de interatividade entre o que se comunica, o que é comunicado e quem é informado. Daí o significativo avanço do uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs), que permitem a interação em qualquer lugar e a qualquer hora. Isso possibilita que as mensagens sejam emitidas, recebidas,

modificadas e remetidas, alterando, assim, o esquema usual de transmissão das informações e conhecimentos. Estamos desse modo imersos numa pluralidade sem fronteiras de espaços e tempos distintos, em que os limites não estão definidos aprioristicamente, mas em permanente interatividade coletiva. Nesse contexto é impossível ficarmos inertes ao fluxo constante de informações e atravessamentos que nos contamina de todos os lados, com uma cultura plural, diferenciada e livre. Os canais que permitem emanar mensagens de todas as formas e tipos fazem com que rapidamente percamos de vista as relações que nos confrontavam anteriormente.

Assim, a interatividade é um termo mediador surgido no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação para compreender e problematizar, por exemplo, a influência destas tecnologias na mudança das noções de singularidade e mundo comum. Podemos perceber o seu alcance, desde a transformação do mundo numa imensa aldeia global, como profetizava McLuhan, e suas consequências na aproximação entre povos e culturas, na mudança entre as noções de público e privado, como a invasão da privacidade e o enfraquecimento da esfera pública, até o impacto do universo das tecnologias virtuais na arte, na estética e na atuação da Educação a Distância (EaD).

O conceito de interatividade vai além do conceito de interação, pois neste não há separação em polo emissor e polo receptor. O conceito de interatividade vem da *pop art*, sendo caracterizado pela fusão sujeito-objeto, como, por exemplo, os parangolés de Hélio Oiticica, onde o espectador interfere, modifica e cria a obra com o artista. Os fundamentos da interatividade permitem a articulação de diversas redes, diversas conexões, possibilitando uma navegação livre, autônoma, sem direção pré-definida. Transposta para a docência, a interatividade se traduz na construção de uma obra coletiva, não mais centrada na figura do professor/emissor ou centralizada no aluno/receptor.

A docência nessa perspectiva representa um rompimento com a concepção linear de aprendizagem, situando-a de forma colaborativa e atualizada numa prática de construção de um percurso hipertextual.

Mas não é só paradoxal, mas significativo que em um mundo que se diz totalmente globalizado pelas influências das novas tecnologias da informação e comunicação tenha eclodido com força as identidades individuais, nacionais, transnacionais e, porque não, transumanas. É paradoxal na medida em que se reestabelecem antigas relações de oposição entre o universal e o singular, o individual e o coletivo. Identidades antes solidificadas que abrigavam tranquilamente determinados indivíduos já não dão mais conta. Os indivíduos já não se reconhecem em determinados coletivos. Os singulares já não se identificam com entidades abstratas tais como nação, estado, sociedade, povo ou igreja. De repente, as pessoas sentem na pele a vacuidade de conceitos até então muito reais e agregadores. Temos aí uma dupla consequência: por um lado há um estranhamento com os coletivos – o nacional, o confessional, o sindical, o esportivo e o tribal já não dizem muita coisa; de outro lado, há uma cega fusão com as coletividades – somos a família, o clube, a igreja, o time, o estado e o país. Tudo aquilo que é outro, que não é mais esses coletivos, passa a ser rejeitado, suplantado, eliminado a qualquer preço. Também é paradoxal em um mundo globalizado propor novas oposições entre conceitos ou entidades até então impensáveis; ou, por momentos, deixadas de lado. Termos com fronteiras tão bem definidas, como masculino e feminino, animal e homem, biológico e cultural, divino e humano, passam a albergar, entre eles, uma grande, estranha e nova faixa de terra de ninguém.

É dentro deste contexto de paradoxos que se torna significativo redesenhar velhas e novas oposições, ou mesmo verificar se em um novo desenho há lugar para qualquer

vocabulo que venha a significar o velho conceito de oposição como termo médio a relacionar entidades similares e díspares a um só tempo. Uma constatação da qual alguns estudiosos hoje partem é a de que a singularidade é apenas reconhecida como um coletivo, ou seja, naquilo que há de comum a muitos outros indivíduos em igual situação. Não é, portanto, reconhecida em seu aspecto genuinamente singular. E, diferentemente das filosofias que em nosso tempo propagaram a morte do sujeito, mas também daquelas outras tendências que se amparam nos universalismos ou nos comunitarismos, voltam a encontrar na singularidade o foco de resistência crítica, de refúgio e de contestação. O singular, tal como o polvo, se protege dos universais jogando uma tinta preta que nem os olhos de Deus ou mesmo do Estado conseguem penetrar. O singular se mostra, então, como um âmbito de resistência: não se deixa escravizar, colonizar, massificar, coisificar. As padronizações, os códigos, as senhas não conseguem acessar o misterioso lugar do singular. Aí ele reina soberano. O singular não se deixa incluir por qualquer política pública.

De outra parte, não é difícil constatar também que um mundo comum – seja ele tomado como ser, como linguagem ou como código genético (que pouco difere de indivíduo para indivíduo ou mesmo entre diferentes espécies) – se apresenta como um lastro no qual, de um ou outro modo, estamos todos ancorados. Por mais singulares que queiramos ser, não somos autores da língua que falamos, da cultura na qual estamos inseridos, de uma tradição religiosa, ateia ou agnóstica que professamos, da sociedade, nação ou Estado do qual somos parte. O aspecto comum no qual estamos inseridos ou carregamos como uma herança genética ou cultural tem de aparecer como algo que não só matiza, mas também identifica o singular. O comum não é só transmitido como um fardo – na forma da ideologia marxista, do inconsciente freudiano ou de uma tradição cultural –, mas

é parte de nosso ser singular e, como tal, tem de ser assumido, incorporado, aperfeiçoado.

Desta perspectiva, podemos falar de uma interação entre esses dois mundos, o singular e o comum. Interatividade, reciprocidade, mutualidade, hermenêutica e mesmo dialética são todos termos que precisam ser ressignificados para fazer parte dessa vinculação entre esses mundos. Todos os ramos do saber estão convidados a participar desse debate, mas, especialmente, a Educação tem de reassumir sua nova tarefa especificando não só os diferentes modos de relacionar esses âmbitos como também redefinindo suas fronteiras.

O livro visa problematizar desse modo o efeito da interatividade para as reivindicações da singularidade e do mundo comum, ou seja, para uma visão voltada ao cotidiano, ao particular e ao local, legitimada nas Ciências Humanas atualmente, e de uma razão interessada em cultivar um mundo comum, isto é, uma visão afeita às tradições, que defende uma perspectiva ampliada de homem/mulher e, portanto, ainda preocupada com as possibilidades de desvelar um horizonte geral de tratamento dos problemas humanos. Nesse sentido, em tempos de comunicação interativa, como pensar a relação entre Filosofia e Educação, mais especificamente as relações da singularidade e mundo comum? De que modo isso repercute nas diversas instâncias pedagógicas, como a relação teoria e prática na formação? A educação responde aos desafios da criação coletiva proporcionada pelo espaço virtual? As tecnologias estão liberando ou aprisionando a criatividade do indivíduo e a busca do saber em sala de aula? Como ensinar Filosofia em tempos de interatividade constante? Se as noções de emissor e receptor se modificam no contexto das novas tecnologias, é possível estabelecer relações entre professor, aluno e conhecimento nesta perspectiva?

Esses questionamentos abrem um amplo leque para pensar diversas possibilidades, desde o reconhecimento de um elo comum na diversidade, sem suplantar as singularidades, confrontando-se com problemas pedagógicos e educacionais atuais, oriundos de uma crescente interatividade social, possibilitada pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Também, analisar aspectos da formação integral (enquanto *Paidéia* e *Bildung*) como processo do formar-se a si mesmo, inseridos nas dimensões da singularidade e do mundo comum, permeados pelos processos de interatividade, típicos do novo contexto de vida social das sociedades modernas avançadas. Bem como, analisar a dinâmica atual que o conceito de formação assume, levando em consideração as profundas transformações que o sistema social vem passando no atual contexto, marcado pelo crescente processo de interatividade.

Nesse sentido, o texto “Interatividade, singularidade e mundo comum: a relação professor-aluno na era da revolução microeletrônica”, de Antônio Álvaro Zuin, debate o tema da interatividade confrontando-se à história da aplicação de violências físicas e simbólicas em alunos, que se confunde com as origens dos processos de ensino e aprendizagem. Entende que os alunos, por conta do receio de sofrerem retaliações, frequentemente reprimiram o ódio em relação ao professor. Mas, e se eles encontrassem novos meios de expressar o ódio não apenas nas salas de aula, mas sim em salas virtuais, cujo alcance seria universal? Ao partir de tal inquietação, tem-se, como objetivo no artigo, investigar os alicerces históricos do sadismo pedagógico, assim como seus novos avatares, proporcionados pelo emprego das chamadas novas tecnologias. Conclui que os alunos, por meio do controle de tais tecnologias, interagem frente a seus professores muitas vezes de forma sádica, a ponto de ocorrer um tipo de retaliação que ressignifica o mundo comum entre professores e alunos.

O artigo “Educação interativa ou extensionista no universo virtual?”, de Amarildo Luiz Trevisan, versa sobre os riscos e as possibilidades oferecidas pelo universo virtual para o campo educativo a partir do incremento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) no cotidiano. Defende que, diferentemente do início da Idade Moderna, em que os seres humanos se depararam com a necessidade de enfrentamento aos perigos e à exuberância de uma natureza exterior, trata-se agora de enfrentar o universo imaginário produzido pelas TICs, com seus encantos e desencantos e, principalmente, com as transformações por ele provocadas. Para o autor, o equacionamento das demandas educativas daí decorrentes pode ocorrer na interação comunicativa, que busca o reconhecimento deste universo a partir da perspectiva de um mundo que hoje, mais do que nunca, se torna comum a todos.

Partindo do conceito fenomenológico de mundo da vida, o artigo “Do sensível ao social: recriação ética do mundo da vida”, de Marcelo Fabri, tenta mostrar a crise desse conceito no contexto da era da informação, a qual, segundo Michel Serres, mata a era teórica, desqualificando por isso toda fenomenologia. Ora, que sentido há em se falar de mundo da vida como solo fundador de toda teoria (Husserl), se é justamente o primado da teoria que entra em crise no contexto da informação e da fluidez do mundo globalizado? Para responder a isso, procura mostrar que, se por um lado, a era da informação descarta a experiência concreta em nome da informação, essa mesma era deixa em aberto a elaboração de um novo conceito de mundo da vida, entendido não mais como solo fundador e originário, ou mesmo como mundo que nos vem ao encontro (Heidegger), e sim como produto de uma “sensibilidade” capaz de se destacar do próprio mundo. Como assim? É que a sensibilidade humana, descrita como egoísmo estrutural, solidão de um eu às voltas com a fruição (Levinas), é também possibilidade permanente de abertura à

alteridade de outrem. O mundo da vida torna-se *associação*, criada e recriada de modo interminável, por singularidades humanas concretas e irredutíveis a qualquer mundo comum. Eis por que recriar, sempre e novamente, este mundo é um desafio ético capaz de renovar e ressignificar a própria fenomenologia.

Assumindo um modo de pensar pós-metafísico, José Pedro Boufleuer, visualiza no artigo “Mundo comum e formação crítica em perspectiva pós-metafísica” um modo de realização crítica dos processos de mediação cultural empreendidos em espaços educativos, considerando suas vinculações com o mundo humano comum. Sustentando-se como referencial crítico vinculado aos pressupostos do entendimento linguístico, a perspectiva pós-metafísica potencializa sentidos e dimensões que dignificam a condição humana, como a liberdade, a igualdade, a democracia, dentre outros. Estruturado linguisticamente em formas culturais, modos de sociabilidade e como expressões de identidade, o mundo comum se mantém e se renova através de processos de formação, como os desenvolvidos em espaços institucionalizados de educação. A forma discursiva como se legitimam os conhecimentos no âmbito das “comunidades especializadas” sugere a forma pedagógica de sua comunicação. Assim, no próprio processo de apresentação dos conhecimentos em espaços educativos devem ser considerados os motivos que os tornam válidos, num debate em que professores e alunos passam a participar com vistas a uma aprendizagem sustentada em boas razões para compreender.

O texto “Subjetividade e intersubjetividade em Habermas: individuação, normatividade e emancipação”, de Eldon Henrique Mühl, discute o tema recorrente neste autor, a saber, a relação entre subjetividade e intersubjetividade. O pensador alemão reconhece que formação da subjetividade pela socialização apresenta uma complexidade que precisa ser esclarecida. A questão que se põe é explicar a imputabilidade ética e o potencial emancipador de

uma subjetividade constituída intersubjetivamente. O objetivo do texto é reconstruir os principais aspectos da teoria habermasiana sobre a constituição da subjetividade e explorar as implicações nos aspectos da normatividade e da emancipação social.

“Formación crítica, interactividad y teoría de la Educación”, de Margarita Sgró, debate a incidência cada vez mais acentuada da tecnologia da informação e comunicação no processo educativo, que obriga a criar novos conceitos e a ressignificar outros de larga trajetória no campo educacional. A interatividade é um deles. Várias abordagens pedagógicas podem explicar a importância da experiência interativa, dos grupos e do diálogo para uma “aprendizagem significativa”. Nesse sentido, a incorporação do computador no ensino – sem ser a única incorporação – a educação à distância, os programas de instrução, não são nem bons e nem maus em si mesmos, são inovações que devem ser contextualizadas de acordo com as metas e fins a que se propõe a ação educativa. Se um desses objetivos é a democratização da educação no centro da democratização da sociedade, então, levando em consideração as limitações que sempre devem estar presentes, as tecnologias podem ser ferramentas importantes. O texto propõe pensar, do ponto de vista da teoria da educação, algumas das consequências da introdução da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem.

Olga Grau toma como ponto de partida o que fazer artístico interativo como uma forma de criatividade que implica de maneira original o ato de pensar imaginativamente e de pôr-se em relação com um ou outro, o que oferece sinais para refletir sobre o âmbito educativo de maneira crítica. Em “Los avatares de un mundo común y sus tensiones”, são abordados os problemas da passividade/atividade nos processos de aprendizagem em que se aponta o ato primário de aprender a ler como um campo de aprendizagem que revela aspectos subjetivos e complexos do aluno, tornando problemática a uniformidade

de formatos de ensino e o suposto mundo comum. Consideram-se aspectos como a imaginação relacionada à inteligência na compreensão e interpretação do mundo, as próprias elaborações de significação que fazem os/as próprios/as sujeitos na recepção dos conteúdos, as formas criativas ou sucedâneas de criatividade que são jogados na interatividade, a fim de pensar sobre o seu lugar na educação. Finalmente, fornece uma breve informação sobre um programa desenvolvido na Universidade do Chile, que sustenta uma plataforma virtual que envolve uma concepção de interatividade para a reflexão crítica sobre um conjunto de problemas relacionados à área de Filosofia e Educação.

Tratar a relação entre singularidade e mundo comum, com base nas propostas de Jean-Paul Sartre e Paul Ricoeur, é objetivo do artigo “Singularidade, narratividade e mundo comum – uma perspectiva fenomenológica”, de Noeli Dutra Rossatto. A análise comparativa é enriquecida mediante o enfoque da proposta sartreana por Louis Mink e a crítica empreendida por Alasdair MacIntyre. A principal hipótese de trabalho é a de que o singular isolado da proposta sartreana se choca frontalmente com tudo aquilo que advém do mundo comum (o social, o profissional, o institucional), que traz a marca da inautenticidade e das estruturas coletivas; e tudo isso vai adquirir uma expressão extrema na oposição frontal entre viver ou narrar. De outro lado, Ricoeur, propõe o entrecruzamento dessas polarizações até então irreconciliáveis. Por sua vez, o singular já estaria desde o início assentado em um lastro comum, que o antecede e o sucederá; mas, apesar disso, o singular se mantém sempre como autor, leitor e intérprete de suas ações. Daí que o narrativo passe a ocupar a função mediadora na estrutura da identidade pessoal; e a ininterrupta dialética entre o mundo singular e o comum radique no próprio singular, que não só padece a ação pretérita e presente dos outros, mas, apesar disso, continua sendo o sujeito autor, intérprete e responsável por suas próprias ações.

Alejandro Cerletti propõe pensar no artigo “Todos los mundos, un mundo. Sobre identidad e igualdad”, que o nosso mundo é apresentado como *um* mundo único e onipresente: o mundo do capitalismo global, em que todas as relações, a um maior ou menor grau, foram comercializadas e todos (produtos ou informações) podem chegar a todos os cantos do planeta. A diversidade é tomada como um elemento de circulação de mercadorias (comercial ou cultural) e completa um quadro homogêneo em que tudo tem o seu lugar garantido. Neste trabalho, o autor usa algumas contribuições do filósofo francês Alain Badiou para abordar esta questão, tentando mostrar suas tramas constitutivas e oferecer algumas perspectivas alternativas. Em particular, está interessado na possibilidade de pensar um mundo que contém todos os mundos possíveis, e que não é uma mera submissão à expansão do capital planetário ou a simples aceitação “tolerante” do “outro”. Esta concepção de vínculo entre os seres humanos será a base para repensar a questão educativa no mundo de hoje.

Silvio Gallo enfoca a questão da pluralidade de mundos a partir do registro da multiplicidade, para afirmar que um “mundo comum” só pode ser pensado *a posteriori*, como construção coletiva a partir das diferenças afirmadas. Para pensar a problemática da criação nos processos educativos, o autor realiza em “Educação, criação e pluralidade de mundos: as múltiplas dimensões do aprender” um deslocamento do ensinar para o aprender, focando sua dimensão singular e acontecimental. Para tanto, cumpre um diálogo com a filosofia de Gilles Deleuze e com extratos literários de Lispector, Le Clézio e Pennac.

Altair Alberto Fávero aborda a tensão entre indivíduo e sociedade na contemporaneidade a partir dos conceitos de trabalho, felicidade e consumismo. Partindo de algumas reflexões a respeito da profunda interconexão existente entre indivíduo e sociedade, na perspectiva do sociólogo Norberto Elias, o texto

“Trabalho, felicidade e consumismo na tensa relação entre indivíduo/sociedade” debate a problemática anunciada, com base no pensamento de Zygmunt Bauman. Na primeira parte, discute a passagem da ética do trabalho para a estética do consumo. Um dos principais valores que possibilitou a construção da *modernidade sólida* ou da *sociedade de produtores* foi a ética do trabalho. Ela serviu para difundir o hábito de tornar as pessoas produtivas, pois possibilitou combater, destruir e erradicar os obstáculos que impediam o novo e esplêndido mundo que se pretendia construir na modernidade. A estética do consumo é identificada como sendo a sociedade de consumo. Aumentar a capacidade de consumo e não dar descanso aos consumidores é a estratégia mais importante para alimentar e fortalecer a própria sociedade de consumo. Para tanto, é necessário expor os consumidores a um ambiente de novas tentações, numa situação de permanente excitação para aumentar o desejo de comprar e consumir. Na parte final, o texto elabora um conjunto de questões educacionais com o objetivo de tencionar a passagem da ética do trabalho para a estética do consumo.

Em “Singularidad entre el mundo y el espacio público: paradojas y tareas de la educación”, Antonio Gómez Ramos defende que há um paradoxo inerente à educação, dado que ao mesmo tempo ela é conservadora – pois tem a função de preservar a continuidade social – e é crítica – pois deve encorajar os indivíduos a ser livres e autônomos. O trabalho pretende reformular o paradoxo tendo em vista as formas contraditórias em que a modernidade trata o binômio indivíduo-comunidade, e o papel que o espaço público, a cultura e a educação ocupam nele. Esta reformulação permite preferir a expressão mundo comum – no sentido de arendtiano de mundo – em vez de comunidade; e propor a educação como o caminho para permitir o acesso ao (e ensinar o amor do) mundo comum a indivíduos que, por ele, se fazem singulares, sujeitos livres capazes de viver na cultura

definida como a capacidade de saber-se acompanhado, quando se está sozinho; e preservar a própria solidão e autonomia quando se está em companhia.

“Indivíduo e comunidade moral”, de *Jair Antônio Krassuski*, investiga dois importantes conceitos da teoria moral kantiana, a saber, os conceitos de indivíduo e comunidade moral. A comunidade moral é pensada com o objetivo do melhoramento dos agentes morais, pois para Kant, a sociabilidade é uma condição inerente aos seres humanos. Na crítica da religião, ele reafirma os pressupostos da moralidade e aponta para a ideia da comunidade, até então ausente ou não suficientemente tematizada na sua teoria moral. A comunidade moral é proposta como um espaço de cultivo dos indivíduos e não possui caráter legal, coercitivo ou jurídico. A ênfase é a sua finalidade moral de modo que não incorra em contradição ou abandono da autonomia e da lei moral. O modelo aproximativo disponível para tal comunidade ele identifica nas ideias de *Igreja visível* e de *Igreja invisível*. Com este procedimento, Kant pretende apontar para a existência de um dever moral coletivo ou social dos indivíduos, compatível com a teoria moral.

Tradicionalmente a socialização das pessoas podia ser considerada um processo natural de introdução das novas gerações na realidade sociocultural vigente. Na medida em que tanto a estrutura social quanto o sistema de valores faziam parte da tradição aceita pela maioria, nada mais adequado que a adaptação das pessoas jovens a esta realidade. “Formação da socialidade em tempos pós-críticos”, de Pedro Goergen, entende que desde o início da modernidade, e acentuadamente depois da Segunda Guerra Mundial, esta prática tem sofrido importantes rupturas em função especialmente de dois elementos: um da ordem da estrutura social e outro da ordem do conhecimento. De um lado, a estrutura social e o conjunto de valores perderam suas características de estabilidade e aceitação; e, de outro, a tese do

determinismo ganhou força com o respaldo científico vindo do campo da neurobiologia. O autor defende a ideia de que estes dois movimentos impactam fortemente sobre o processo de socialização, desestabilizando supostos importantes da tradição formativa, a saber, a relação com a tradição e a cultura, de um lado, e o atributo da liberdade do ser humano de outro. Ao destacar estes dois pontos, o autor pretende sinalizar a importância deste tema para a Filosofia da Educação.

O texto “Docência, cinema e os exercícios autobiográficos e coletivos a uma interatividade pretendida”, de Valeska Fortes de Oliveira, Luís Carlos Valério, Marilene Farenzena, Vânia Fortes de Oliveira, Vanessa Vasconcelos e Monique da Silva, aborda os problemas da formação docente no que tange à relação do(a) professor(a) com o cinema, e quais os fatores e condições que devem ser observados no percurso de sua formação estética, especialmente no que diz respeito ao cuidado de si. O artigo é parte da escrita inicial do projeto Em tempos de formação – o cinema, a vida e o cuidado de si – Exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente. Desta forma, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em conjunto com escolas parceiras da Secretaria de Município da Educação (SMED) de Santa Maria/RS, debate o tema da interatividade, enquanto disposição à criação de um “mundo comum”, com ênfase na formação estética dos professores pela via do cinema. Busca com os docentes um espaço que dê a devida dimensão e importância do cinema em suas vidas e nas atividades profissionais, sugerindo a ampliação da relação entre vida e arte cinematográfica, dada pela identificação e interpretação de histórias pessoais, experiências, preferências, sentimentos, tensões, processos de formação e conhecimentos relativos ao cinema. O texto destina-se a tratar a ideia de que a interatividade

se inicia pelos exercícios autobiográficos na vida e na formação profissional.

Portanto, os artigos que compõem este livro estão propondo a necessidade de uma nova forma de resposta à cultura que prioriza o acento em elementos baseados no efêmero, no imediatismo do aqui e agora, no praticismo utilitarista e na vantagem econômica, colocando quaisquer outros valores na berlinda. Dado que o cultural se tornou, nesse contexto, uma mera referência distante e sem importância para o mundo da vida, cria-se um descompasso da educação com o ambiente em que estão inseridas as novas gerações. E para fazer frente a esses desafios, essas transformações exigem novos redimensionamentos dos procedimentos educativos, a começar por uma releitura da herança cultural legada em todos os campos do conhecimento.

Amarildo Luiz Trevisan

Noeli Dutra Rossatto